



## OUTRIDADES: A QUESTÃO DA ALTERIDADE NA FILOSOFIA ÉTICA DE LEVINAS E NA FILOSOFIA CLÍNICA DE LÚCIO PACKTER, UMA INTERFACE DE CONGRUÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS<sup>1</sup>

Carlos Eduardo S. Nascimento\*

### Resumo

O Outro como problema filosófico é recente, considerando-se o arco histórico da Filosofia desde os seus primeiros nascedouros no mundo grego. Dentre os filósofos da alteridade, destaca-se Emmanuel Levinas que desenvolveu uma filosofia que pode ser compreendida como um corte na tradição da ética filosófica, sobretudo nos últimos séculos foram intrinsecamente marcados pela supervalorização do Ego, do Ser e da racionalidade instrumental. Provavelmente, Levinas se destaca entre os pensadores da alteridade por diagnosticar o domínio do sujeito sobre o Outro, e por desenvolver uma filosofia que reconsidere a metafísica a partir do Outro. Em interface à obra levinasiana, o estudo busca localizar a Filosofia Clínica de Lúcio Packter no mesmo período e contexto histórico das chamadas filosofias da alteridade, ou filosofias do encontro, ou seguindo seu influxo. A terapia packteriana propõe uma clínica que considera o Outro como único e singular. Todo seu conteúdo e método se esforçam para localizar os endereços subjetivos da pessoa em clínica, mapear os modos autogênicos de sua composição existencial e desenvolver um cuidado altamente personalizado. Sendo uma terapia do único e do singular, a Filosofia Clínica torna-se uma *práxis de alteridade* no cuidado ético da pessoa que pede auxílio terapêutico. Embora, por identidade, a Filosofia Clínica tenha fundamentação filosófica para sua metodologia, ela se encontra no âmbito da clínica, apresentando uma peculiaridade que a aproxima das terapêuticas e das filosofias da alteridade do século XX, ao mesmo tempo que delas se distancia, embora mantenha sempre a abertura e o diálogo epistemológico. O presente artigo é recorte de uma tese de doutoramento, ainda em desenvolvimento, que reflete o tema do Outro como uma questão filosófica através de uma pesquisa bibliográfica comparativa, elaborando uma interface entre a ética filosófica de Levinas e a filosofia clínica de Lúcio Packter a partir da questão da alteridade.

**Palavras-chave:** Alteridade. Ética. Lúcio Packter. Filosofia Clínica.

### Résumé

*L'Autre comme problème philosophique est récent, compte tenu de l'arc historique de la Philosophie depuis sa première naissance dans le monde grec. Parmi les philosophes de l'altérité, se distingue Emmanuel Levinas, qui a développé une philosophie qui peut être comprise comme une rupture dans la tradition de l'éthique philosophique, notamment au cours des derniers siècles, intrinsèquement marqués par la surévaluation du Moi, de l'Être et de rationalité instrumentale. Probablement, Levinas se distingue parmi les penseurs de l'altérité pour avoir diagnostiqué la domination du sujet sur l'Autre et pour avoir développé une philosophie qui reconsidère la métaphysique à partir de l'Autre. En interface avec l'œuvre levinasienne, l'étude cherche à situer la philosophie clinique de Lúcio Packter dans la même période et dans le même contexte historique des soi-disant philosophies de l'altérité, ou philosophies de la rencontre, ou suite à leur afflux. La thérapie packterienne propose une clinique qui considère l'Autre comme unique et*

<sup>1</sup> O presente artigo desenvolve partes da tese de doutorado intitulada **A questão da alteridade na filosofia ética de Emmanuel Levinas e na filosofia clínica de Lúcio Packter, uma interface a partir da categoria de infinito**, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação do Centro Internacional de Pesquisas Integralize, na linha de pesquisa em Ciências da Educação.



*singulier. L'ensemble de son contenu et de ses méthodes s'efforcent de localiser les adresses subjectives de la personne en clinique, de cartographier les modes autogènes de sa composition existentielle et de développer une prise en charge hautement personnalisée. Étant une thérapie de l'unique et du singulier, la Philosophie Clinique devient une praxis de l'altérité dans la prise en charge éthique de la personne qui demande une aide thérapeutique. Bien que, par identité, la Philosophie clinique ait un fondement philosophique pour sa méthodologie, elle s'inscrit dans le cadre de la clinique, présentant une particularité qui la rapproche des thérapies et des philosophies de l'altérité du XXe siècle, en même temps qu'elle éloigne d'eux, bien qu'il maintienne toujours l'ouverture et le dialogue épistémologique. Cet article fait partie d'une thèse de doctorat, encore en développement, qui reflète le thème de l'Autre comme question philosophique à travers une recherche bibliographique comparative, élaborant une interface entre l'éthique philosophique de Levinas et la philosophie clinique de Lúcio Packter à partir de la question de l'altérité.*

**Mots-clés:** *Altérité. Éthique. Lúcio Packter. Philosophie clinique.*

## Introdução

O presente estudo é uma síntese da tese de doutoramento, que se encontra ainda em desenvolvimento, que reflete o tema do Outro como uma questão filosófica, a partir de uma interface entre a ética filosófica de Levinas e a filosofia clínica de Lúcio Packter, analisando semelhanças e distanciamentos de perspectivas.

A partir de uma análise bibliográfica, a pesquisa pretende aprofundar a questão da alteridade<sup>2</sup>. Como uma questão filosófica, a questão da alteridade sendo refletida, em nossos dias, com certa centralidade, testemunha que a Filosofia não deve ser vista como um exercício teórico separado do mundo. Uma ética que revê o princípio da moralidade, considerando o Outro da relação intersubjetiva, e não o mais o sujeito ainda encontra-se em curso de elaboração. Emmanuel Levinas destaca-se no horizonte dos pensadores do diálogo e da alteridade, que contribuíram com a inserção da questão do Outro no debate filosófico.

Uma das teses de nossa pesquisa é defender a localização histórica de Lúcio Packter e sistematização da Filosofia Clínica no influxo de muitos pensadores contemporâneos em diversas áreas como medicina, filosofia, psiquiatria, psicologia, psicanálise, neurociência, física, matemática, literatura, mas sobretudo dentre os pensadores da alteridade no influxo de Levinas. Considerando a pessoa no contexto clínico pelo prisma da singularidade (e não da subjetividade), Packter focou seus propósitos no movimento que parte das pessoas para as teorias, e não o inverso. Em seus

---

<sup>2</sup> A origem latina do termo é *Alter*, que literalmente significa *Outro*. Em língua portuguesa pode-se fazer uso do termo *outridade*. Neste trabalho, no entanto, optamos pelo uso do termo *alteridade*, que é mais recorrente nas traduções das obras de Levinas, assim como em seus comentadores.



trabalhos nos hospitais do sul do país, registrou páginas e páginas de pesquisa de diversas manifestações de alteridade. Sua metodologia é sistematizada com métodos que reúnem 2500 anos de Filosofias que possibilitam uma terapêutica que parte da escuta ética e profunda. Na junção do binômio *clínica* e *filosofia*, Lúcio foi elaborando uma inédita conversação e justaposição entre medicina e filosofia, entre teoria e prática. Para ele, o nome Filosofia Clínica era muito óbvio em toda essa construção.

Lucio Packter e Levinas não se conheceram, são de épocas e nacionalidades diferentes: porém, ambos judeus e ambos viveram situações limites que os levaram a buscar saídas nos contextos em que se perceberam desafiados. Nossa pesquisa não pretende esgotar em comentários as obras dos autores que elegemos para desenvolver uma interface de semelhanças e contrastes, mas ressaltar nessa interface o modo como ambos enfrentaram os desafios epistemológicos, morais, sociais e culturais de seu tempo, e as questões apresentadas por eles como respostas e saídas, que de algum modo chegam até nós.

Estamos diante de dois autores que defendem a questão da alteridade, seja no contexto da reflexão, seja no contexto terapêutico, e nesse sentido encontram-se próximos sem, no entanto, confundirem-se. O tema que elegemos para essa interface é caro para Levinas e Lúcio Packter e ocupou o centro de suas pesquisas e projetos filosóficos. Ambos se debruçaram sobre a questão do Outro, cada um a seu modo e com métodos específicos, mas ao refletirem o Outro, repensam o sujeito da relação como um desdobramento inseparável.

Packter, sem a pretensão de uma antropologia, tampouco pretende desenvolver um sistema filosófico, mas clínico, a partir da Filosofia. Levinas, ao refletir o Outro, propõe uma nova configuração da subjetiva como abertura ao Outro, onde o sujeito é deposto de seu “status de poder”. Ser sujeito é ser capaz de acolhimento e hospitalidade, e isso traduz a clínica filosófica de Packter que sistematizou um caminho de localizar, mapear e cuidar da alteridade.

O presente artigo buscará, num primeiro momento, discorrer a questão da alteridade no centro do projeto filosófico de Levinas. Num segundo momento, abordará a Filosofia Clínica como uma práxis de alteridade na sistematização de Packter. Em seguida, uma breve e introdutória interface entre os dois autores, comentando trechos de uma tese de doutorado em andamento que assumiu a profundidade desta pesquisa, destacando proximidades e divergências na obra desses dois pensadores judeus que já encontram-se inscritos na história do pensamento.



## A questão da alteridade na Filosofia de Emmanuel Levinas

Toda reflexão levinasiana foi construída num profundo diálogo com a tradição filosófica que se centrou numa ontologia<sup>3</sup>. A crítica a ela, especialmente à ontologia de Heidegger, pode ser considerada uma das principais teses do pensamento de Levinas. A preocupação de Levinas em recuperar o sentido último da vida humana como dialogicidade e abertura, como relação na intersubjetividade do *face a face*, foi negligenciada e até ocultada na história da Filosofia. Para tal empreendimento, Levinas precisou enfrentar a tradição filosófica ocidental, que concebeu a ideia de humanidade como intimidade dobrada sobre si mesma e desdobrada sobre seus objetos (COSTA, 2000, p. 186).

Além da fina e sofisticada reflexão, Emmanuel Levinas vivenciou na própria pele os dramas e horrores de algumas revoluções, das duas guerras mundiais de seu século, testemunhando os horrores da ascensão do hitlerismo e o surgimento de totalitarismos nas Américas, na África e na Oceania.<sup>4</sup> Sem dúvida, essas experiências somam-se à sua erudição literária, filosófica e teológica, contribuindo para Levinas elaborasse uma ética que considerou o papel determinante do Outro na Filosofia, reposicionando-o na história do pensamento.

Importante considerar que Levinas conduziu seus primeiros trabalhos, ainda circunscritos na fenomenologia husserliana e no uso de uma linguagem ontológica<sup>5</sup>, o que foi determinante em seu projeto filosófico. Seus primeiros contatos com a fenomenologia o motivaram. Os primeiros comentários interpretativos da fenomenologia de Husserl, podem ser encontrados em sua tese doutoral, defendida em 1930, onde interpreta a fenomenologia de Husserl, especialmente a noção de intencionalidade. Ao longo dos anos, Levinas vai amadurecendo suas primeiras intuições e consolidando seu projeto filosófico. Sempre em diálogo com a fenomenologia, começa a desenvolver o que

<sup>3</sup> Lendo as obras de Levinas num sentido cronológico, percebe-se que todo diálogo de Levinas com a tradição filosófica do Ocidente não visa tematizar o Ser, mas uma saída do Ser, uma evasão do Ser, especialmente em seus primeiros textos. Podemos acenar, desde já, que, nas obras mais maduras, o tema da ética é apresentado num nível mais profundo da condição humana e a subjetividade e a intersubjetividade são constituídas como acolhimento e responsabilidade.

<sup>4</sup> Para maiores detalhes de sua bioepistemografia, recomendamos a leitura integral da entrevista concedida a Philippe Nemo intitulada *Ética e Infinito*, de 1982.

<sup>5</sup> Importante destacar alguns desafios e dificuldades no encontro com a produção de Levinas. Uma delas é a de que não se pode ler os textos de Levinas como se lê os de Descartes ou Outros textos de filosofia. Em sintonia com outros filósofos contemporâneos, que se preocupam em libertar a condição humana de categorias rígidas, o próprio Levinas aborda a questão em *De l'Évasion*, que filosofar é como decifrar uma escritura escondida. Em outras palavras, ler os textos de Emmanuel Levinas desafia nosso modo de pensar ocidental e a inteligibilidade que pressupõe que a linguagem aborda e capta o mundo.



podemos considerar uma ultrapassagem do método. Em muitas entrevistas reivindicou sua fidelidade ao Mestre Husserl, pois precisou da fenomenologia para ir além da fenomenologia, sobretudo ao desenvolver o tema da ética a partir da relação com o Outro.

Podemos afirmar que é inviável uma leitura da obra levinasiana sem considerar o signo do Rosto. Revisou a concepção husserliana de intencionalidade, argumentando que há uma antecedência, na dinâmica cognitiva onde o Outro mantém sua precedência por sua condição de infinito. No conjunto de sua obra, Levinas se esforça para destacar o importante espaço da dimensão pré-teórica da consciência, que é a consciência não-intencional. O estatuto originário da alteridade começa a se consolidar e ocupar uma centralidade em sua filosofia. No tema do apelo ético do Rosto, o seu ápice, investigando como essa abertura ao Outro se apresenta como precedência ética em relação ao teórico<sup>6</sup>. Sem ser reduzido a um fenômeno, o Rosto possui um caráter de excedência pela sua condição de infinito que lhe confere também um caráter enigmático, por isso mesmo, não-fenomênico. Levinas compreende a questão do Rosto em *Totalidade e Infinito*, em sua condição de infinito, transcendência e exterioridade absoluta que se manifesta no horizonte do Mesmo como epifania de algo que lhe escapa ao conhecimento e ao domínio (NASCIMENTO, 2023, p. 41).

O Outro, em Levinas, ultrapassa a esfera do sujeito por sua condição de infinito. Como exterioridade e transcendência separada do sujeito, o Outro é absolutamente outro, destruindo em cada instante e ultrapassando toda imagem plástica que deixa (LEVINAS, 2015, p. 36). Isso significa que, pela estrutura da consciência, ocorre uma inadequação<sup>7</sup> uma vez que pensar o outro é considera-lo um estrangeiro. Isso não é o mesmo que pensar um objeto, não pode ser compreendido como uma simples fisionomia. Percebemos que ocorre uma espécie de transgressão na interioridade do sujeito que percebe o mundo em sua consciência pela ideia de infinito que o Outro carrega. O conceito de Rosto pode ser compreendido como “o modo como o Outro se apresenta, ultrapassando a ideia de Outro em mim (LEVINAS, 2015, p. 21).

<sup>6</sup> Abordamos o tema da alteridade na perspectiva de uma abordagem ético-ontológica através do tema do Rosto de Outrem, assinalando a evidencia ética da Filosofia de Levinas, sem a superação, ou mesmo a exclusão da ontologia, porém colocando ao seu lado a ética, enquanto reflexão, uma vez que, diante do Outro, a ética torna-se a filosofia primeira e a ontologia uma reflexão marcada pela precariedade e insuficiência.

<sup>7</sup> A inadequação demonstrada por Levinas como “desanalogia” entre o Rosto e os outros objetos alcançados pela consciência, deixam claros que o Outro, na aproximação estabelecida por meio do seu Rosto, pode envolver-me de um modo que os objetos não podem, pois, o Outro permanece infinitamente transcendente, infinitamente estranho. (CERBONE, p. 215, grifo nosso).



Em torno do tema do Rosto, Levinas considera-o uma epifania do infinito que possui um dizer, uma linguagem que é comunicação de um apelo ético, que exige do sujeito uma resposta. É na conceituação do outro que se dá o início da violência para Levinas. Seu movimento filosófico constata no Rosto humano, a ideia “desse infinito, mais forte que assassinato”, que “já nos resiste em sua face”, e “essa face é a expressão original, é a primeira palavra: ‘não matarás’” (LEVINAS, 2015, p. 199). Portanto, a relação com o Rosto, tem um estatuto privilegiado em Levinas que se destaca em toda sua produção filosófica. Levinas insiste no caráter vulnerável do Rosto – a parte do corpo humano mais nua e mais exposta às violências. (CHALIER, 1993, pp. 112-117). Seu apelo ético é uma comunicação que convoca o sujeito (o Mesmo) a uma responsabilidade da qual não pode declinar. desenvolve o intercâmbio relacional do apelo e da resposta na intersubjetividade: o apelo de um Rosto e a resposta de um sujeito que é constituído ao responder. Esperamos, com essa reflexão, contribuir com a necessidade de respondermos à crise de humanismo e de seus fundamentos em nossa época, através de uma revisão levinasiana da subjetividade (NASCIMENTO, 2023, p. 18). Portanto, em Levinas é possível existir num outro modo, para além da essência, da totalidade, como um *outro modo que o ser*.

### **Alteridade na Filosofia Clínica de Lúcio Packter**

O filósofo brasileiro Lúcio Packter vislumbrou um possível diálogo entre a medicina e a filosofia e se dedicou à sistematização de uma nova metodologia terapêutica. Como resultante de suas pesquisas e de sua prática clínica, a Filosofia Clínica foi sendo constituída como uma terapia artesanal. A clínica filosófica se desenvolve a partir da singularidade da pessoa, a fim de que ela seja cuidada ao seu modo, no seu tempo, com seu vocabulário, em seu contexto, tendo sempre em conta seus limites e possibilidades. Na originalidade de sua terapêutica a Filosofia Clínica não se ambienta dentre as ciências da saúde como a medicina e a psicologia, por isso não utiliza classificações, tipologias, tampouco lida com ideia de cura.

Por trabalhar com singularidades descarta o conceito de “normal e patológico”. Sendo uma terapêutica cuja proposta é um cuidado personalizado ao modo irrepetível de uma pessoa se constituir no mundo, em Filosofia Clínica, a terapia se constitui um artesanato de cuidado ao outro humano onde os conceitos de singularidade e plasticidade estão presentes em todo o processo. Nesse sentido, o trabalho dos filósofos clínicos consiste em localizar os endereços existenciais da pessoa em clínica, mapear suas medidas



existenciais e o modo de sua composição ao longo de sua historicidade e atualidade e busca ajudá-la em suas demandas, fortalecendo sua autenticidade e suas potências subjetivas.

Na perspectiva da clínica de Packter, cada pessoa é única em suas vivências, representações e na forma como encaminha as questões do cotidiano. A singularidade pode ser compreendida a partir da combinação dos tópicos e submodos. A noção do Outro como infinito em Emmanuel Levinas encontra aqui sua confirmação, embora em outro contexto epistemológico. O modo como os tópicos se harmonizam ou se chocam na malha psíquica do partilhante, a maneira como os conteúdos de uma Estrutura de Pensamento podem se arranjar, se desarranjar e plasmar novos arranjos em sua plasticidade, e tudo isso em vista das circunstâncias, lugares, tempo e relações, levam ao infinito de possibilidades tornando cada pessoa única e irrepetível, o que faz da Filosofia Clínica uma terapia existencial e artesanal no cuidado ao outro.

A Filosofia Clínica é uma *práxis de alteridade* que trouxe às psicoterapias todas as visões de mundo já pensadas nesses 2.500 anos de filosofia. Por se tratar de uma autêntica reflexão aberta, crítica a si mesma, ela é capaz de entender a subjetividade de quaisquer indivíduos, sem fugir a uma só manifestação existencial singular de ninguém. Novas filosofias que ainda não de surgir, endossando possibilidades, só intensificarão seu grau de escuta e o diálogo com as diferenças (GOYA, 2020, p. 67).

Nosso estudo parte do pressuposto que a interseção estabelecida no âmbito do consultório é uma relação de intersubjetiva, nos moldes compreendidos pelo método fenomenológico. Todavia, mesmo com esse enfoque fenomenológico, não perderemos de vista a constatação de que a Filosofia Clínica possui, em sua constituição, uma proposta interdisciplinar e transdisciplinar no modo como foi sistematizada por Lúcio Packter que podemos considerá-la um método de muitos métodos, onde logicismo, empirismo, idealismo, hermenêutica, fenomenologia, estruturalismo e outras escolas filosóficas participam da composição da metodologia da Filosofia Clínica.

Podemos constatar, portanto que, sempre focada e fundamentada nos conteúdos existenciais trazidos pelo partilhante, a Filosofia Clínica surge como uma *práxis* singular de alteridade que se propõe cuidar do Outro à sua maneira, com suas gramáticas subjetivas, cosmovisões, valores, buscas, limites, semioses e no seu tempo. A nosso ver, a metodologia de Packter se desenvolve tendo presente em sua pesquisa em três eixos



fundamentais: a localização do outro (Exames Categóricos)<sup>8</sup>, o mapeamento do modo único como constitui sua estrutura existencial (EP- Estrutura de Pensamento)<sup>9</sup> e o cuidado do outro ao seu modo (Submodos)<sup>10</sup>. Todo esse percurso metodológico não pretende obter respostas precisas e exatas sobre o Outro. O caminho clínico da terapia packteriana é ético, considera o Outro como único em sua infinitude, portanto, a localização, o mapeamento e o cuidado são sempre por aproximação ética na dinâmica intersubjetiva da hospitalidade, sempre considerando-o em sua infinitude, sem aprisioná-lo ou reduzi-lo a modelos, tipologias, psicodiagnósticos, conceitos ou qualquer pretensão de totalizar e tematizar seu modo de ser.

### **A Ética de Levinas e a Clínica de Packter, uma interface a partir da Alteridade**

É indiscutível a relevância, sobretudo em nossos dias, do tema da alteridade, a originalidade dos métodos e o ineditismo com que Levinas e Lúcio Packter desenvolvem seus trabalhos. Ambos estão implicados e articulam seus projetos de filosofia e de clínica em torno da questão do Outro. Importante salientar que a questão da alteridade não é apenas um tema relevante, mas a base fundamental, o eixo central que estrutura os dois universos que colocados aqui em interlocução.

O que podemos compreender do pensamento de Levinas e da terapêutica de Packter numa interface? Temos diante de nós dois pensadores que problematizaram questões que viviam, com a coragem de pensar os desafios de suas circunstâncias, sem desconsiderar os livros filosóficos e religiosos, mas o livro da história humana com suas tragédias, impasses e monstruosidades. Ambos problematizaram filosoficamente as questões de seu tempo com radicalidade que resultou em obras inéditas e originais.

<sup>8</sup> Em *A Escuta e o Silêncio*, Goya (2020, p. 166) explica que os Exames Categóricos são “a investigação dos cinco conceitos fundamentais de que se serve o filósofo na clínica para situar contextualmente a existência subjetiva do partilhante em comparação com os dados objetivos do mundo que o envolve. A objetividade do mundo entorno serve de parâmetro metodológico, baliza de reconhecimento das diferenças de interpretação entre a subjetividade do partilhante, a do filósofo clínico e os padrões socioculturais vigentes”.

<sup>9</sup> Para Will Goya (2020, p. 129), Estrutura de Pensamento, “do ponto de vista fenomenológico, é a organização formal somatória de todos os modos de manifestação da consciência existentes numa pessoa, ordenadas em correlações plásticas que variam subjetivamente ao infinito. Descreve as experiências vividas pela consciência individual em seus diversos movimentos existenciais durante a vida na interseção com o mundo entorno. Conhecer as formas intencionais da consciência – os tópicos da estrutura de pensamento – possibilitam um saber clínico metodologicamente seguro e contextualizado a respeito de alguém, cuja análise descritiva não pretende jamais definir em absoluto uma conceituação ontológica sobre a identidade ou a natureza de alguém”.

<sup>10</sup> Submodos “são os modos práticos com que uma estrutura de pensamento vivencia, efetiva a sua subjetividade. São as maneiras como a pessoa expressa seus comportamentos, atuações e experiências íntimas no esforço de realizar a sua vontade” (GOYA, 2020, p. 221).





A pesquisa localiza Lúcio Packter dentre os pensadores da alteridade por sistematizar uma metodologia terapêutica, a partir de 2500 anos de filosofia, propondo uma terapêutica existencial e artesanal que considera o outro em sua singularidade e alteridade única, num movimento que segue direcionada sempre no sentido de uma ética da alteridade que dialoga com a filosofia de Levinas, da reflexão à *práxis de alteridade*. No modo como a Filosofia Clínica foi sistematizada, encontram-se as principais reflexões da história da Filosofia, do pensamento humano e das práticas terapêuticas, que fornecem base ao processo terapêutico como uma ética de hospitalidade, qualificando a relação de alteridade entre o filósofo e o seu partilhante através da escuta de suas vivências, de seus contextos, de como ela pensa, valora, decide, sente, age, como ela elabora suas cosmovisões, crenças, metas, como se comunica e o modo como estruturou sua gramática subjetiva.

O silêncio que a ética da *escuta radical*<sup>11</sup> nos exige consiste, justamente, na atitude de calar os barulhos de nossas satisfações conceituais e dar vez e centralidade à voz do partilhante. A vivência deste silêncio fenomenológico e ético, no exercício permanente da escuta das diferenças, remete-nos ao trabalho árduo nos vestígios do legado herdado de uma razão idolátrica denunciada por Levinas e tantos outros pensadores.

Coletando e registrando historicidades em clínicas e hospitais psiquiátricos, Packter desenvolveu a conjecturação de teoria e prática no método da Filosofia Clínica, que traduzo nessa reflexão como a vivência das origens gregas do *pathos* e da *epoché* que exigiu dele o *ethos* de uma atenção profunda ao outro, em sua singularidade.

No início de seus trabalhos, conta que registrava as Historicidades dos pacientes, fazia frequentes visitas a eles, mas passou a ser inevitável o sofrimento ao constatar que muito do que se respirava no ambiente hospitalar era marcado por uma cultura rigidamente estruturada pela ditadura da normalidade. Com o tempo, foi desenvolvendo uma erudição no tato com as pessoas: aprendeu a traduzir Semioses, a decifrar olhares, a ler silêncios e compreender sons, a fim de interagir com os considerados incomunicáveis e socialmente inadequados. O ambiente dos hospitais permitiu que o arcabouço da Filosofia Clínica fosse sendo tecido junto a esse permanente e contínuo esforço de recíproca de inversão (NASCIMENTO, 2020, p. 195).

<sup>11</sup> Na esteira da obra *A Escuta e o Silêncio*, que fundamenta muitas partes de nosso estudo, compreendemos que o uso do termo “radical” como equivalência do sentido de “profundidade”. A palavra radical na língua portuguesa tem sua origem etimológica originou-se a partir do latim *radicalis*, (ou *radix*), que quer dizer “relativo à raiz”. Falar em escuta radical significa dizer na clínica filosófica irmos ao mais profundo possível do partilhante, em seus termos, significados, semioses e todos os elementos e submodos que lhe são originais e autênticos.



O início dos trabalhos de Lúcio foi marcado por um movimento que considerava a precedência da pessoa, mantendo-se nessa orientação de pesquisa, sempre partindo das pessoas para as teorias, mas jamais ao contrário. Não é possível o exercício da clínica sem a ética e a clínica na terapêutica packteriana é uma ética. Nesse breve ensaio, partimos do pressuposto axiológico de que o tema abordado é um dos mais caros à prática terapêutica da Filosofia Clínica, a prática da escuta. Para Goya (2020, p. 69-89), a escuta em nossa prática terapêutica recupera, dia a dia, o espanto inaugural do saber que deu origem à filosofia (*pathos*), enquanto atitude de escuta do *pathos* original da filosofia exigindo a humildade ética de permanecer radicalmente aberta tanto à alteridade. Nossa posição que esse método sobre o “saber não saber” para otimizar a escuta, encontra inspiração e fundamentação em Levinas quando apresenta o Outro no signo do Rosto a epifania de seu próprio infinito. Para o filósofo lituano, o “*Eu penso*” da modernidade redundou historicamente em “*Eu posso*”<sup>12</sup> da relação autoritária que aniquila e subsume o Outro em suas diferenças por escapar à totalidade da tematização do sujeito como epicentro e medida de todas as coisas. A alteridade é salvaguardada por Levinas, prescindido da razão que tudo busca colonizar e encapsular como conceito, apresentando a epifania do Rosto como ética, justamente porque é relação com o Infinito, e se manifesta como resistência ética, que “paralisa os poderes pela força do seu olhar” (LEVINAS, 2015, p. 194).

A questão do Infinito, em nossa percepção, é capaz de dar a Levinas o sentido de sua compreensão sobre o sujeito que, em sua contingência não é capaz do Outro pela categoria da racionalidade. O único modo de acessar o Outro é pela ética, conclui Levinas. No âmbito da Filosofia Clínica de Packter, a racionalidade também é valorada em sua potência, mas desidratada em seus excessos, ficando o que é suficiente para perceber seu próprio limite e a possibilidade de vislumbrar o Outro, mantendo-o em sua infinitude e transcendência, salvaguardando-o de ser reduzido a um tema, conceito, normose ou patologia.

Se a racionalidade não dá conta do Infinito, uma vez que sempre escapará às necessidades de satisfação conceitual do sujeito, o único caminho possível é abertura ética que, mantendo o Outro em sua alteridade absoluta, o acolhimento e a oferta clínica do cuidado manifestam-se como categoria filosófica: a hospitalidade da diferença.

---

<sup>12</sup> Lembramos que, para Levinas, “a ontologia como filosofia primeira é uma filosofia do poder” (TOTALIDADE e infinito [TI], p. 33). Reforçar essa crítica da ontologia nesse ponto do nosso estudo parece importante para lançar bases sobre a compreensão da fenomenologia do apelo ético do Rosto, uma vez que, nesse momento, Levinas investiga sobre o “egoísmo da ontologia” e que a universalidade apresenta-se como algo impessoal, desumano que pode revelar-se cruel e perverso.



Num outro trabalho<sup>13</sup>, apresentei a concepção de infinito<sup>14</sup> na filosofia de Levinas como modo de evocar, na relação ética, o que insiste em permanecer com resistência como exterioridade à reflexão. A fonte de inspiração para Levinas refletir pensar a categoria de infinito numa outra perspectiva é a obra *Meditações* de Descartes<sup>15</sup>. A partir dela, Levinas consolida uma base filosófica segura que possa designar a relação com um Ser, que conserva a exterioridade absoluta na interação com o sujeito que pensa, transcendendo como um objeto capturável e tematizável pela compreensão. (LEVINAS, 2015, p. 13-37). Em outras palavras, o Outro é, para o sujeito uma realidade que lhe é sempre exterior, que se encontra *sempre fora e além de mim*. Nesse sentido, a ideia de exterioridade não se desenvolve como uma elaboração do raciocínio, como percebemos nas obras de Levinas, mas como *epifania*<sup>16</sup> de um Rosto, sobretudo em *Totalidade e Infinito*<sup>17</sup>.

Não há apenas convergências. Os desacordos epistemológicos são constatados em alguns aspectos que estão sendo desenvolvidos com mais atenção e profundidade em nossa pesquisa de doutorado. Destacamos a questão do acesso ao Outro. Fenomenologicamente, a Filosofia Clínica concorda com Levinas: o outro é indiscernível. Pela via da consciência husserliana, não podemos conhecer o Outro pela faculdade da racionalidade. No método de autogenia da Estrutura de Pensamento, sabemos que a racionalidade ocupa alguns dos tópicos e submodos que compõe uma singularidade existencial, todavia, a terapia packteriana é constituída por outras escolas que ultrapassam o método fenomenológico como a noções de conraintencionalidade, estruturalismos e

<sup>13</sup> Dissertação de mestrado publicado pela editora Filos com o título O apelo ético do Rosto Humano de Emmanuel Levinas, uma reflexão filosófica.

<sup>14</sup> A ideia de *infinito* contrapõe o conceito hegeliano de *totalidade* (TI, p. 67, grifo nosso). Isso ocorre porque a alteridade absoluta do Outro em sua condição de infinito quebra a totalidade. Aprofundaremos ainda mais nos capítulos seguintes do presente trabalho.

<sup>15</sup> Na obra *Meditações Metafísicas*, Descartes afirma que, por mais que “a ideia da substância esteja em mim, pelo próprio fato de ser eu uma substância, eu não teria, todavia, a ideia de uma substância infinita, eu que sou um ser finito, se ela não tivesse sido colocada em mim por alguma substância que fosse verdadeiramente infinita” (DESCARTES, 2016, p. 72). Ou seja, somente um ser Infinito pode produzir no sujeito a ideia de infinito.

<sup>16</sup> Segundo Susin (1984, p. 206), o termo epifania evoca a ideia de uma espécie de entrada no mundo, mas que se revela como altura, segundo veremos na sequência do nosso estudo. O Outro, em seu Rosto, precisamente no seu Olhar, é o pobre que me olha de cima. Assim, no *face a face* encontramos uma relação desigual, pois eu “me volto para quem me olha desde esta dimensão paradoxalmente mais abaixo do meu mundo, na pobreza e na humildade, e mais alto do que meu mundo, epifania diante da qual meu mundo se descobre pobre” (SUSIN 1984, p. 206-207).

<sup>17</sup> É praticamente unanimidade entre os comentadores levinasiano que a obra *Totalidade* é um divisor de águas no itinerário epistemológico de Levinas. A partir desse texto, inaugura-se um período caracterizado pela defesa categórica da primazia ética e sua anterioridade, na interface com a ontologia (COSTA, 2000, p. 25).



pós-estruturalismos que compõem um método de muitos métodos, que recordam uma “colcha de retalhos”<sup>18</sup>. Miguel Silva (2019, p. 11) desenvolve citando o próprio Packter:

Houve quem, segundo Lúcio Packter, se expressou dizendo: ‘a Filosofia Clínica é como uma colcha de retalhos! Como assim?!’. A essa força de expressão, Packter respondeu: ‘Mas me diga: o que você tem contra uma colcha de retalhos?’. Uso da resposta de Packter para dizer que ‘uma colcha de retalho’ não é menos colcha do que uma colcha de crochê, de *chenile*, de algodão e nem é menos artística do que as outras. Filosofia Clínica deve ser entendida como extremamente eclética e deve ser comparada a um mosaico filosófico. Filosofia Clínica não é somente racionalismo, nem fenomenalismo, nem historicismo, nem empirismo, nem logicismo, nem existencialismo, nem psicologismo, nem escolasticismo, nem idealismo, nem pragmatismo, nem humanismo, nem transcendentalismo, nem cartesianismo, nem estruturalismo, mas um arcabouço composto e diversificado, fruto de sistemas filosóficos dialéticos, adaptados às necessidades clínicas. Nesse sentido, é uma ‘colcha de retalhos’ com uma combinação tão própria que lhe faz peculiar e única.

A Filosofia Clínica, portanto, é uma metodologia de muitos métodos e escolas filosóficas que, em nossa compreensão, foi construída como um sistema inter e multidisciplinar. Todavia, não podemos desconsiderar a importância da base fenomenológica no nosso processo de terapia como arte da escuta. Na CEFA, compreendemos que nosso trabalho como filósofos clínicos suspende humilde e eticamente de qualquer “pretensão de uma ontologia, da busca por um conceito filosófico de ser humano, penso que haveria de entendê-lo como uma subjetividade plástica, holística e sistêmica” (GOYA, 2020, p. 74). Sendo assim, na perspectiva do Outro como singularidade, da plasticidade da EP e todas as nuances e variações possíveis que se elevam a um infinito de possibilidades, o *pathos* como atitude filosófica é imprescindível para mantermos a abertura às possibilidades do Outro em suas diferenças e variações circunstanciais.

Goya é categórico em esclarecer que não compete à racionalidade conhecer a essência da outra pessoa, pois temos presente que mais importante do que a ontologia é a ética que se antecipa às funções teóricas da *episteme*. Portanto, o filósofo clínico se posiciona na relação intersubjetiva do consultório que Goya chama de “princípio ético da hospitalidade artesã”, que consiste na arte de acolhimento à pessoa ao modo dela, sem jamais desabilitá-la da casa do seu próprio ser, o que seria silenciá-la, e não a escuta

<sup>18</sup> Segundo Goya (2020, p. 73), “diferentes concepções em diferentes tópicos da estruturação existencial da consciência são, desse modo, igualmente válidas. Dessa forma, a disparidade de correntes e conceitos filosóficos antagônicos se explica. Como também se amplia ilimitadamente o respeito ético às diversidades e aos modos de ser dos outros. A aparente contradição no discurso de Lúcio desaparece na arquitetura fenomenológica do seu pensamento, com harmonia e unidade estrutural próprias, feito uma “colcha de retalhos” epistemologicamente muito bem costurada”.



hospitaleira do nosso ofício. Como filósofos clínicos, assumimos a tarefa gentil de cuidar das verdades íntimas de nossos partilhantes. Nesse sentido, Packter e Levinas encontram semelhança de fundamento no postulado de que a ética se antecipa e precede qualquer tese, teoria ou formulação capaz de encapsular o outro em sua infinitude (GOYA, 2020, p. 74). Tanto Packter como Levinas encontram-se no uso da fenomenologia, mesmo que seja para dela se afastar. Dentre outras fundamentações, a metodologia da clínica filosófica, permitindo ao terapeuta interagir com o partilhante, sem a pretensão de exatidão, mas da aproximação respeitosa a ética, considerando-o, não como uma subjetividade meramente conceitual, mas como alguém inserido no mundo e numa perspectiva concreta vivenciada nesse mundo<sup>19</sup>.

### Considerações Finais

Muitos outros temas podem ser ainda desenvolvidos na interseção entre as filosofias de Levinas e de Packter, e esse projeto já se encontra em desenvolvimento. O que aqui apresentamos brevemente ao modo de um ensaio, pretendeu ser a partilha de um percurso e registro de uma provocação. Começamos introduzindo e concluímos introduzindo.

À guisa de conclusão, podemos afirmar que a questão do Infinito que destacamos no presente ensaio, marca a obra levinasiana e a clínica de Packter ao ponto de ser determinante e conferir identidade como filosofia e método clínico.

O conceito de Infinito foi capaz de dar a Levinas um modo de refletir a alteridade como exterioridade e transcendência ética, postulando que o sujeito, em sua contingência e finitude, não é capaz do Outro pela categoria da racionalidade. O único modo de acessar o Outro é pela ética que se dá na relação do *face a face*. A terapia packteriana cunhou uma noção de singularidade atrelada à categoria de alteridade, de tal modo que desafia o filósofo clínico a buscar o que chamamos na CEFA<sup>20</sup> de “objetividade artesã”. O que fundamenta nossa objetividade artesã na CEFA fundamenta-se na compreensão filosófico-clínica nas noções de singularidade e alteridade na metodologia packteriana. O sentido artesão da nossa metodologia é vivenciado no “páthos” do encontro único com cada partilhante e na singularidade de cada encontro.

<sup>19</sup> Podemos acrescentar possíveis leituras do que alguns estudiosos chamam de *metafenomenologia* (Levinas), ou fenômenos saturados (Jean-Luc Marion), mas a magnitude e a complexidade de tal abordagem no âmbito da Filosofia Clínica exigiriam um trabalho específico pra esse tema.

<sup>20</sup> CEFA (Casa Francisco de Assis, centro de estudos em Filosofia Clínica em Goiânia, GO).



No âmbito da Filosofia Clínica de Packter, a racionalidade também é valorada em sua potência, mas desidratada em seus excessos, ficando o que é suficiente para perceber seu próprio limite e a possibilidade de vislumbrar o Outro mantendo-o em sua infinitude e transcendência, salvaguardando-o de ser reduzido a um tema, conceito, normose ou patologia. Se a racionalidade não dá conta do Infinito, uma vez que sempre escapará às necessidades de satisfação conceitual do sujeito, o único caminho possível é abertura ética que, mantendo o Outro em sua alteridade absoluta, o acolhimento e a oferta clínica do cuidado manifestam-se como categoria filosófica: a hospitalidade da diferença.

Muitos outros temas poderiam ser destacados e aprofundados ainda no recorte elegido para a pesquisa: a questão da alteridade. Há vários elementos que mereciam ser destacados. Apresentamos a questão da alteridade, a partir de dois pensadores, num percurso que considerou a categoria do Infinito como ponto de convergência entre os dois universos de reflexão. A escolha da categoria de infinito se deve ao próprio Levinas que o retoma de Descartes para abordar a capacidade de relacionar-se com o Outro sem capturá-lo, tematizá-lo como totalidade de um conceito.

Nossa posição considera que a categoria de Infinito, no modo praticamente irrefutável como foi desenvolvido na filosofia de Levinas, serve como tradução para compreendermos a singularidade em Filosofia Clínica a partir da relação única da pessoa com seu tempo, na relação com seu lugar (lugares) de vivência e trânsito, assim como todos os elementos de sua circunstância existencial, assim como a relação tópica de seus fluxos intencionais e submodais compondo uma autogenia única que buscamos mapear através da escuta de sua historicidade e sua narrativa cotidiana no âmbito da clínica.

O mapeamento autogênico desenvolvido na metodologia clínica de Packter chancelam a noção levinasiana que considera o Outro como um infinito, uma vez que a composição de todos os modos de manifestação de uma pessoa, na plasticidade de suas relações e conjecturas de sua Estrutura de Pensamento, encontram variações que se potencializam ao infinito.

Levinas pensou uma responsabilidade que antecede a liberdade, uma ética que não é apenas uma área do conhecimento filosófico, mas a filosofia primeira. Toda essa investigação, que partiu de uma descrição fenomenológica, ao modo de Levinas (2015, p. 297), nos leva a compreender essa reconfiguração ética da subjetividade: “o sujeito é um hóspede”.

Em outras palavras, e para concluir, consideramos que a força e a novidade do pensamento de Levinas, assim como a originalidade da sistematização terapêutica



desenvolvida por Packter, se alinham na concepção do Outro que transcende nossa pretensão conceitual de abarcá-lo e reduzi-lo a um tema. O verdadeiro e único poder humano sobre o Outro é o cuidado e a responsabilidade.

Em síntese de similitudes, na perspectiva da responsabilidade em Levinas, e no testemunho que Lúcio Packter conclama os filósofos clínicos, podemos alinhar a concepção de que ser humano consiste em existir como abertura ao outro humano, implicados na responsabilidade de diversos apelos que deparamos em nossos consultórios.

Para além da clínica, num tipo de sociedade que se fecha a direitos, ao acolhimento de migrantes e vive as feridas abertas da aporofobia, da misoginia, da LGBTfobia, e tantas manifestações desumanas de fechamento à alteridade do outro, de coletividades e da alteridade do meio-ambiente, desejamos que com essas reflexões nos percebamos capazes de uma nova atitude, a de uma existência constituída na dinâmica da abertura, de uma ética da hospitalidade, (re)inaugurando um mundo possível. Que as interpelações dessas linhas, a partir da filosofia de Emmanuel Levinas e da clínica filosófica de Lúcio Packter, sejamos, ao menos, convidados a rever posições e visões.

Quiçá, no entanto, nos percebamos alinhados e engajados nesse projeto de Levinas, de Packter, de Buber, de Hans Jonas, Hannah Arendt, de Dussel e tantos outros filósofos do diálogo, do encontro e da alteridade, considerando a possibilidade de repensar o sentido do humano constituído na relação intersubjetiva como abertura, acolhimento, hospitalidade e responsabilidade pelo outro.

### Referências Bibliográficas

CARVALHO, José Maurício de. **Estudos de Filosofia Clínica, uma abordagem fenomenológica**. Curitiba: IPPEX, 2008.

CARVALHO, José Maurício de. **Filosofia clínica: estudos de fundamentação**. São João del-Rei: UFSJ, 2005.

CARUZO, Miguel Angelo. **Introdução à Filosofia Clínica**. Petrópolis: Vozes, 2021.

CERBONE, David. **Fenomenologia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

CHALIER, Catherine. **Levinas: a utopia do humano**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

CLAUS, Marta. **As Filosofias Aplicadas emergentes em fins do século XX e início do século XXI**. Apostila 1 Introdução à Filosofia Clínica. Instituto Campinas, 2015.

COSTA, Márcio L. **Levinas: Uma Introdução**. Petrópolis: Vozes, 2000.



DANTAS, Vânia; CLAUS, Marta; FARADAY, Sarauter (org.). **Terapia em Filosofia Clínica: percepções e aprendizagem**. Fortaleza: 2004.

FABRI, Marcelo. **Fenomenologia e Cultura: Husserl, Levinas e a motivação ética do pensar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERNANDES, Cláudio (org.). **Submodos**. São Paulo: Recanto da Filosofia Clínica.

FILOSOFIA ESPECIAL. **O saber filosófico de Nietzsche, Hume, Heidegger e Locke, entre outros, na polêmica Filosofia Clínica**. Ano 1, n. 4.

GASPERIN, Rafael (org.). **Filosofia Clínica: Puentes existenciales**. Monterrey: Licorne ediciones, 2021.

GOYA, Will. **A escuta e o silêncio**. 4. ed. Porto Alegre: Ed. MKS, 2020.

NASCIMENTO, Cadu. A Filosofia Clínica e os Hospitais. *In: SILVA, R. Miguel (org.). As raízes gregas da Filosofia Clínica*. Caxias do Sul: EDUCS, 2016.

NASCIMENTO, Cadu. Espacialidade, Tópico 14. *In: FERNANDES, Cláudio (org.). Tópicos*. São Paulo: Recanto da Filosofia Clínica, 2021, 2021, p. 112-123.

LEVINAS, Emmanuel. **De outro modo que ser – ou para lá da essência**. Lisboa: Edições 70, 2011.

LEVINAS, Emmanuel. **Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edição 70, 2015.

LEVINAS, Emmanuel. **Transcendência e Inteligibilidade**. Lisboa: Edição 70, 1984.

NIEDERAUER, Mariza Z., PAULO; M. Nichele. **Compêndio de Filosofia Clínica: Caso Nina**. Rio de Janeiro: Ed. Livre Expressão, 2013.

PACKTER, Lúcio. **Ana e o Dr. Filkelstein**. Um caso tratado com a Filosofia Clínica. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2006.

PACKTER, Lúcio. **Buscas: Caminhos Existenciais**. Florianópolis: Garapuvu, 2004.

PACKTER, Lúcio. **Filosofia Clínica: A filosofia no hospital e no consultório**. São Paulo: All Print Editora, 2008.

PACKTER, Lúcio. **Armadilhas conceituais**. Porto Alegre: Instituto Packter.

PACKTER, Lúcio. **Aspectos Matematizáveis em Clínica**. Florianópolis: Ed. Garapuvu.

PACKTER, Lúcio. **Cadernos: especialização em Filosofia Clínica**. Porto Alegre: AGE, 1997.





- PACKTER, Lúcio. (s.d). **Anexo de Estudos em Submodos**: especialização em Filosofia Clínica. Porto Alegre: Instituto Packter.
- PACKTER, Lúcio. (s.d). **Propedêutica**. Porto Alegre: Instituto Packter.
- PACKTER, Lúcio. **Semiose**. Porto Alegre: Ed. Fortaleza, 2002.
- PACKTER, Lúcio. **Sinais**. Porto Alegre: Instituto Packter, 2005.
- PAULO, Margarida Nichele (org); WICKERT, Tarcísio Alfonso; RETAMAR, Ana Maria; NIEDERAUER, Maria Zambom; TRINDADE, Nara Regina. **Primeiros Passos em Filosofia Clínica**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 1999.
- PARDAL, Mário Luiz. **Filosofia Clínica como Terapia**: Uma introdução ao estudo da filosofia clínica. 1 ed. Campinas: Centro de Filosofia Clínica Campinas, 2001.
- PELIZZOLI, Marcelo L. **A relação ao Outro em Husserl e Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, Coleção Filosofia 20, 1994.
- PELIZZOLI, Marcelo L. **Levinas – A reconstrução da subjetividade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, Coleção Filosofia 20, 2002.
- SILVA, Miguel (org.). **Lucio Packter e a Filosofia Clínica no Brasil**. Porto Alegre: Mikelis, 2020.
- SUSIN, Luiz Carlos. **O Homem Messiânico, uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- STRASSBURGER, Hélio. **A palavra fora de si**: Anotações de Filosofia Clínica e Linguagem. Porto Alegre: Multifoco, 2017.
- STRASSBURGER, Hélio. **Filosofia Clínica**: Diálogos com a lógica dos excessos. Rio de Janeiro: E-Papers, 2009.
- TIMM DE SOUZA, Ricardo. **Sujeito, ética e história**: Levinas, o traumatismo infinito e a crítica da Filosofia Ocidental. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- TRIPICCHIO, Adalberto; TRIPICCHIO, Ana Cecília. **A Filosofia Clínica e as Psicoterapias Fenomenológicas**. São Paulo: Associação Paulista de Filosofia Clínica, 2000.

---

\* Carlos Eduardo S. Nascimento é bacharel em filosofia (ITESB-BA) e teologia (CEI MATER DEI-TO), licenciado em Filosofia (ICSH-CESB), pós-graduado em Psicologia Clínica (Humanista-Fenomenológica-Existencial), em Psicanálise (UNIARA-SP), mestre em Filosofia (UFG-GO) e doutorando em Filosofia Clínica (INTEGRALIZE-SC). Como filósofo clínico, trabalha como pesquisador, com atendimento terapêutico no Espaço Oásis de terapia on-line e como professor e supervisor na CEFA (Goiânia, GO) e no Instituto Sendtko (Chapecó, SC). Engajado em campanhas pela valorização da vida e prevenção ao suicídio, participa há muitos anos de conferências e palestras em escolas, grupos de jovens, pais e professores. Pesquisa temas como depressão, ansiedade, pânico, ideação suicida, inclusão, direitos humanos e a diversidade LGBTQIA+. Fruto do desejo de ajudar as pessoas em seus sofrimentos, foi o surgimento do livro "Do Cavalo-marinho ao Beija-flor", que se encontra na 4ª edição.